

SUMÁRIO

Prefácio por René Kaës	13
Introdução	29
A) Sobre o campo grupal na psicanálise	31
B) Sobre os riscos de “atomização” dos estudos sobre os grupos	36
C) Em busca de temas e conceitos-chave da psicanálise para pensar e fazer grupos em instituições: um trabalho de modelização.	39
D) Capítulo a capítulo	43
Parte I – Bases conceituais: O sujeito, o vínculo e o mundo	49
Capítulo 1 – Para pensar o grupo na psicanálise: o sujeito e as alianças inconscientes	51
A) O sujeito do inconsciente como sujeito do vínculo	51
B) Freud e o vínculo	57
1) O desvio pulsional como estruturante do vínculo social	43
2) <i>Bindung, Verbindung e Beziehung</i> : questões de terminologia e concepções	59
3) A noção de contrato no pensamento freudiano e sua dupla incidência sobre o vínculo social e o aparelho psíquico individual	63

C) René Kaës e o conceito de alianças inconscientes: fundamento e operacionalização do trabalho em contextos vinculares	67
1) Introdução às alianças inconscientes	67
2) Caracterização das alianças inconscientes	73
a) Dimensões das alianças inconscientes	74
b) Alianças inconscientes estruturantes e defensivas	77
3) Pactos denegativos e contrato narcísico: dois destaques dentre as alianças inconscientes	83
a) O pacto denegativo	83
b) O contrato narcísico	86
Capítulo 2 – Do enquadre à instituição	89
A) O enquadre	91
1) José Bleger: a origem do termo enquadre	92
2) René Roussillon: o enquadre das origens	77
B) A questão institucional em psicanálise	110
1) O que nomeamos pelo termo “instituição”?	113
2) Instituição e heterogeneidade	114
3) Sobre o uso dos termos “organização” e “instituição” em uma perspectiva psicanalítica	117
4) O metaenquadre e o deslocamento da realidade psíquica nas instituições	119
5) A tarefa primária da instituição e a homologia funcional	122
6) A questão das origens e a transmissão psíquica na vida institucional	129
Parte II – O dispositivo de grupo em Psicanálise	139
Capítulo 3 – Variações de dispositivos e os processos associativos na perspectiva dos grupos	141
A) A questão da técnica e dos dispositivos em psicanálise	141
B) Sobre a fala e os processos associativos nos dispositivos de grupo	148
1) Quando a ausência de uma “ocupação” é vista como condição ao trabalho com grupos	149

2) As cadeias associativas nos grupos: lógicas e pontos de encontro	152
3) Grupos operativos: recolocando a questão da tarefa nos grupos	161
4) O dispositivo do grupo operativo de aprendizagem	169
C) Sobre o uso de objetos e os processos associativos nos dispositivos de grupo	174
1) A brincadeira como equivalente da associação livre: uma aproximação kleiniana	175
2) O brincar como criação: por um olhar winnicottiano	177
3) O Pensamento Francês sobre as mediações	179
a) René Kaës e Claudine Vacheret: Objeto mediador e as condições intersubjetivas grupais para a atividade representacional	181
b) René Roussillon e Anne Brun: O meio maleável e o processo de simbolização	185
4) Considerações sobre os dispositivos dos grupos com objetos mediadores	189

Capítulo 4 – O estatuto e as modalidades da transferência, contratransferência e fantasias nos grupos 191

A) Sobre o conceito de transferência em psicanálise	194
1) Aspectos históricos e a tensão entre modelos da transferência como fenômeno espontâneo ou produzido	194
2) Multiplicidade e transferência	197
a) O que é transferido?	197
b) Diferentes objetos de transferência: as transferências laterais	200
B) A questão da transferência nos grupos	204
1) Alguns objetos transferenciais no e do grupo	211
a) O(s) coordenador(es) do grupo: a transferência central	211
b) Os demais membros do grupo: as transferências fraternas	213

c) O grupo como um todo	214
d) O mundo exterior ao grupo	217
e) Os objetos mediadores utilizados no grupo	220
D) Sobre o conceito de contratransferência em psicanálise	223
E) A questão da contratransferência e da intertransferência nos grupos	225
F) Formas complexas de transferência e contratransferência nas supervisões e discussões de caso	231
1) O conceito de processo paralelo em supervisão na tradição de língua inglesa	231
2) A perspectiva francesa: A intertransferência e a câmara de ecos	234
G) A tarefa como objeto de transferência e força que atrai para a dramatização no aqui-e-agora do grupo os aspectos inconscientes e/ou pouco simbolizados das questões sendo tratadas	239
H) Sobre o conceito de fantasia em psicanálise	249
I) O problema da fantasia nos grupos: elementos comuns e coconstruções	253
1) O olhar de Kaës: o singular e o plural através das fantasias originárias como organizadores grupais	257
Capítulo 5 – Questões de técnica: interpretações e manejos	263
A) Sobre como trabalha um psicanalista: instalação e sustentação de um dispositivo, interpretações e manejos	263
B) A interpretação (no campo da simbolização secundária e suas adjacências)	269
1) Sobre as variações da interpretação como técnica	269
2) A problemática da interpretação em Freud (pelas mãos de Didier Anzieu)	272
3) Questões da interpretação nos grupos	276
a) O que e para quem se interpreta	276

b) Sobre o estilo de interpretação nos grupos	282
c) A atividade interpretativa dos e entre os membros do grupo: Apparat zu Deutung	284
C) Os manejos	286
1) Sobre a necessidade e as utilidades dos micromanejos	286
2) As intervenções não interpretativas em psicanálise: (ou interpretações sobre a simbolização primária)	288
Parte III – Refletindo sobre a prática com grupos em contextos institucionais	294
Capítulo 6 – Três dispositivos de grupo discutidos em supervisão	299
A) A supervisão como grupo: contratransferências, transferências e formação	299
B) Sobre o contexto e a preparação do material apresentado	301
C) Grupo terapêutico em um serviço de saúde	303
1) Primeira supervisão (Saúde):	303
2) Segunda supervisão (Saúde):	312
D) Grupo com mães de adolescentes em privação de liberdade em Proteção Social Especial (PSE)	327
1) Primeira supervisão (PSE)	327
2) Segunda supervisão (PSE), comentário breve	333
3) Terceira supervisão (PSE)	334
E) Grupo em Proteção Social Básica (PSB) com pessoas em alta vulnerabilidade social	343
1) Primeira supervisão (PSB)	343
2) Segunda supervisão (PSB)	358
3) Terceira supervisão (PSB): a intertransferência e os metaenquadres	362
Conclusão: Conceitos – chave para pensar e fazer grupos em instituição	369
A) Teoria da técnica	374

1) Desenho de um dispositivo	374
2) A coordenação do grupo	382
B) Um trabalho vincular no campo da psicanálise	388
1) Concepção de sujeito e objetivos do trabalho na cena vincular	388
2) O ponto de vista do sujeito singular: Tornar-se herdeiro	390
Posfácio por Maria Inês Assumpção Fernandes	395
Referências Bibliográficas	399